

O colapso da compaixão: Tirania branca e a catástrofe ambiental e racial

Augusto M. Paim¹, Porto Alegre

Ignácio A. Paim Filho², Porto Alegre

Resumo: O presente texto tem por objetivo trabalhar a interseccionalidade entre os princípios que norteiam o extrativismo ambiental e racial, que tem por agente operador o povo branco, com sua insana tirania, que implica no colapso da compaixão. Visando dar sustentabilidade a essa proposição dividimos nas especulações metapsicológicas em três tempos. No primeiro, abordamos o intercruzamento entre as problemáticas do (1) narcisismo, com suas identificações idealizantes; (2) a concepção antropológica freudiana da horda primeva à horda fraterna, essa constituída exclusivamente por homens brancos e com seus desdobramentos na permanência de fragmentos do pai da horda na raiz primitiva do Super-Eu, sendo este o responsável pela instauração da lei de um pai não castrado, com seus postulados individualistas e supremacistas. Encerrando esta primeira metade do escrito, retomamos a (3) intrigante questão da *Weltanschauung* construída a partir dessas compreensões da constituição do indivíduo e do ordenamento social. Num segundo tempo, retomamos o pensar freudiano e sua visão de mundo, caracterizada pelo antagonismo, entre nossa ordem cultural e a natureza, para, por fim, chegarmos ao debate acerca do existir violentamente da branquitude e seu compromisso, por vezes inconsciente, com o fim da espécie humana. Contudo, indo além desse cenário catastrófico, assinalamos possíveis saídas em prol de um novo tempo a partir das cosmovisões marcadas pela força do coletivo, dos povos quilombolas e dos povos originários.

PALAVRAS-CHAVES: Compaixão; Racismo; Meio ambiente; Destruição.

¹ Psicanalista, membro efetivo do CEPdePA, mestre em psicanálise pelo PPG de Psicanálise: clínica e cultura da UFRGS e supervisor da Clínica de Atendimento Psicológico da UFRGS. Rua: Felipe Neri 457/401 Porto Alegre/RS. Fone: 51998662099. E-mail: augusto.a.paim@gmail.com

² Psicanalista, escritor, membro titular e didata da SBPdePA, membro da Comissão Ubuntu da SBPdePA e membro pleno do CEPdePA. Av. Félix da Cunha 737/410. Porto Alegre/RS. Fone: 51999818458. E-mail: ignacio.a.paim@gmail.com

“Silencia-se a crítica exercida por essa instância [Super-Eu]; tudo que o objeto faz e exige é correto e inatacável. A consciência moral não encontra aplicação para tudo que ocorre em favor do objeto, na cegueira amorosa nos tornamos criminosos sem remorso” (Freud, 1921, p. 188).

“O que chamamos de civilização foi protagonista de um momento único: aquele em que a espécie que sempre temeu a catástrofe se tornou a catástrofe que temia. O que chamamos de humanidade é uma minoria dominante que converteu a espécie numa força de destruição capaz de alterar o clima do planeta e, a partir dessa mudança, alterar a própria morfologia da única casa que todos temos” (Brum, 2021, p. 99)

Um perigo letal chamada paixão

A temática da tirania - poder autoritário e ilegítimo - está em pauta. O terror diante da destrutividade do humano, com o humano e com a natureza, se torna cada vez mais proeminente. Este traumático nos convoca a refletir sua vinculação com a sanguinária crueldade - *cegueira amorosa* - em nome do qual a barbárie, com seus dispositivos anticompaixão, se instala e prolifera criando as condições para um viver *criminoso e sem remorsos*. Fixemos esta expressão.

Nesse sentido, nosso olhar, nossa escuta e nossa escrita direciona-se para o terrorismo, com sua tirania intrínseca - vidas negras, vidas dos povos originários e a vida da natureza não importam - que implica nas consequências lesivas do racismo na vida cotidiana dos povos racializados, com suas replicações no planeta terra: *força de destruição capaz de alterar o clima do planeta e, a partir dessa mudança, alterar sua própria morfologia*.

Ao usarmos a expressão contundente “terrorismo”, enquanto violência física e psicológica visando intimidação, estamos nos referindo a uma destrutividade sem lei e sem fronteiras, o racismo estrutural, com sua forma escravista, ideologias de poder calcadas na segregação, em suas múltiplas formas, que atingem os corpos, a psique negra e o modo de relacionar-se com o meio ambiente: mortes objetivas e mortes simbólicas atravessadas por uma insana crueldade - universo governado pelo assassinato da alteridade com seu etnocentrismo branco.

Com o objetivo de estabelecer um diálogo com essa trágica problemática - tirania branca/racismo/catástrofe ambiental/colapso da compaixão - nos propomos, como ponto de partida, a tecer algumas ponderações metapsicológicas sobre uma possível gênese para estes, com seus vínculos estruturais e demandas de satisfações narcísicas irrestritas.

Neste caminho nos reaproximamos das concepções forjadas por Freud, em 1921 e 1923, momento que capitaliza sua teoria sobre o processo identificatório, na constituição do sujeito e da ordem social, quando postula que a horda primeva e o pai da horda não morrem totalmente, a primeira permanece em estado potencial no inconsciente não recalcado do Eu, sendo a responsável por uma certa disposição “passivo-masquista” (Freud, 1921, p.205) do Eu; enquanto o segundo segue na raiz primitiva do Super-Eu, território das identificações primárias, com suas idealizações narcísicas.

Nestes cenários, ou ainda províncias, vigoram “sobrevivências”, tal qual “*fueros*”, com seu “persistente anacronismo” (Freud, 1896, p. 209); de um lado, as massas com sua “sede de submissão” (Le Bon, 1895, apud Freud, 1921, p. 206), e, de outro, a lei do pai da horda - representante maior da plenitude com seu falocentrismo - aquele que é a lei em si mesmo, no qual a castração não encontra morada. Condição paradoxal que no manifesto revela uma potência que, contudo, tenta encobrir sua impotência, pois no latente encontramos a fragilidade desse pai **não** morto que, para se manter no poder, necessita ser retroalimentado diuturnamente pelo indivíduo e pela massa.

Tal configuração determina o acontecer do “auto sacrifício”, da “fascinação” e da “servidão apaixonada” (Freud, 1921, p. 174, 175) do Eu em relação ao seu tirano, com suas consequências para a “prontidão para o ódio” (Freud, 1921, p. 175) diante de todo aquele que ousar instrumentalizar recursos para executar o assassinato simbólico desse pai, visando o nascimento do pai que se reconhece como castrado, que, portanto, está habilitado para ser o representante da lei. Sendo assim, temos: “o pai morto tornou-se mais forte do que fora vivo” (Freud, 1913, p. 171).

Nesse sentido, Freud assinala que essa herança arcaica adormece, mas não é destruída, sendo o motor da aptidão que o indivíduo e as massas têm para reviver essas condições das origens: o anseio pela ressurreição do pai assassinado. Quando esse reviver se instaura num povo, numa raça, numa nação... estão dadas as condições para o acontecer da tirania - fanatismo com suas repercussões no fascismo: pacto narcísico entre o tirano e seu povo: *Silencia-se a crítica exercida por essa instância; tudo que o objeto faz e exige é correto e inatacável*. Em tal contexto temos: “O líder da massa continua sendo o temido pai primevo, a massa continua querendo ser dominada por um poder irrestrito; em grau extremo ela é ávida por autoridade [...]”.

O pai primevo é o ideal da massa, que no lugar do Ideal do Eu domina o Eu” (Freud, 1921, p. 206). Ao reinstalar-se esse *modus operandis*, estabelecesse o primado patriarcal, símbolo maior do colonialismo - império do Eu-ideal em detrimento do Ideal do Eu - que determina que, todo aquele que insurgir-se contra o pátrio poder, será condenado de acordo com a lei daquele que ao mesmo tempo, legisla, julga e pune: poder autoritário e ilegítimo.

Sob esse prisma, ao refletir a lógica da racialização do outro, que não é considerado um semelhante, como também do meio ambiente, o líder e sua massa encontram uma maneira de drenar sua auto destrutividade, em destrutividade sobre o outro. Ao mesmo tempo ampliam suas reservas libidinais pelo sequestro do narcisismo, que abastece o autoconceito dos povos subalternizados: “negro bom é negro morto”; “não existe racismo no Brasil, porque o negro sabe o seu lugar”, ou ainda, a “terra existe para nos servir”, lugares estes que significam estar a serviço dos princípios imperialistas eurocêntricos, essa é a origem cruel da branquitude.

Antes de darmos sequência às nossas ponderações, julgamos necessário esclarecer que vamos tomar como sinalizador o postulado - a ideia coletiva construída pela Branquitude no decorrer de séculos - que faz do racismo, que atinge o povo negro, bem como a espoliação do meio ambiente, um ideário tirânico, sem um líder específico, mas ao mesmo tempo incorporado por todas as lideranças do colonizador europeu ao colonizador do nosso tempo: os homens passam, as ideias permanecem - *O que chamamos de humanidade é uma minoria dominante que converteu a espécie numa força de destruição*.

Portanto, a tirania do racismo sobre a natureza - esse ideário histórico, político, social e econômico, com seus desdobramentos nas concepções de sujeito e de mundo - é concebida por nós com uma das formas de apresentação da presença do poderio narcísico e tirânico do pai da horda, em sua relação visceral com a massa primeva. Este referido *status quo* encontra na cultura brancocêntrica as condições necessárias para sua efetivação: as massas nutridas pelo ideário racista, exercido por essa “ideia líder” tirânica, vivem e revivem a plenitude narcísica, da “recusa da feminilidade” (Freud, 1937, p. 358) fazendo do povo negro, pela transformação no contrário, o que inveja o pênis/falo/priapismo, e o que vive em ato o terror de uma postura passiva, feminina, diante de um outro branco/homem/humano.

Temos uma exemplificação dessa demoníaca condição, imposta nos rituais macabros de castração em ato, no corpo e na alma dos negros em diáspora, bem como sobre as terras colonizadas. Seguindo este pensamento, acreditamos que encontramos em Freud, na XXXI Conferência (1933), um assinalamento que remete de forma precisa à relação do Super-Eu e sua responsabilidade pela criação e manutenção de ideologias, com seu compromisso com a sustentação de um poder antidemocrático:

“A humanidade nunca vive inteiramente no presente. O passado, a tradição da raça e do povo vivem nas ideologias do Super-Eu [...]” (Freud, 1933, p. 87).

Sendo assim, qual o passado e tradição que vive no presente nas ideologias do povo branco? O mundo e o que nele contém existe por mim e para mim, portanto explorá-lo, em seus múltiplos sentidos, e dessubjetiva-lo é meu direito: concepção de mundo comandado pelo neoliberalismo.

Dando sequência às nossas ideias, julgamos que a palavra ideologia merece um olhar mais cuidadoso, quando nos encontramos com definições que revelam um carácter sombrio.

Deixando-nos levar por nossas especulações metapsicológicas, entendemos que a XXXV Conferência (1933) fornece subsídios para dialogar com o proposto na XXXI, no quesito ideologia. Buscando efetuar enlaces com essa concepção, que remete a visões universalistas de mundo, com sua tirania implícita e explícita, retomamos a problemática da *Weltanschauung* (Freud, 1933).

Nesta conferência, Freud nos brinda com a ideia que toda *Weltanschauung*, como visão de mundo, traz consigo a aspiração de explicar os interrogantes da existência humana uniformemente e de forma totalizante: “não deixa nenhuma pergunta sem resposta” (1933, p. 193).

Não obstante, sinaliza a presença de dois tipos de *Weltanschauung*, uma religiosa e outra científica. A religiosa implica em certezas dogmáticas não passíveis de questionamentos, regida pelo pensamento animista e religioso - “proibição para o pensamento” (Freud, 1933, p. 218), ausência de um exame crítico; de outro lado, temos a científica, regida pelo pensamento científico - “[...] esse examina mais rigorosamente a credibilidade dos sentidos de percepção, nos quais baseiam suas conclusões” (Freud, 1933, p. 207) - que comporta a dúvida e o não saber, com seus efeitos produtores de hipóteses, que circulam entre a aceitação e a eterna possibilidade de refutação.

Em consonância com essas proposições, acreditamos que as ideologias com maior carácter de destrutividade, que trazem consigo o estigma da tirania racial e ambiental, se aproximam de maneira significativa de uma *Weltanschauung religiosa* - com seus ideários monoteístas e universalista - berço do fanatismo branco. Seguindo essas pegadas, atrevemo-nos a aproximar o pensar de Chauí sobre ideologia, e a proposição freudiana de um W. religiosa.

Chauí adverte que não devemos confundir ideologia com um simples ideário: “[...] ideologia é um ideário histórico, social e político que oculta a realidade, e que esse ocultamento é uma forma de assegurar e manter a exploração econômica, a desigualdade social e a dominação política” (Chauí, 2004, p. 7).

Tendo essa perspectiva - ideia/líder e ideologia - como indicador, pretendemos trabalhar a problemática do racismo antinegro, com suas replicações no racismo ambiental e seus desdobramentos nas catástrofes ambientais, ou ainda, na expressão de Eliane Brum, o ecocídio (2021).

Para isso tomaremos como interlocutora a tragédia climática - que tem como principal ator o homem branco, herdeiro direto das ideologias coloniais - que se abateu sobre o Rio Grande do Sul neste ano de 2024.

Esta será analisada como um recorte, que retrata a realidade que se processa em todos os recantos da nossa casa planeta Terra. Contextos que acreditamos ser a exemplificação típica do processo de hipertrofia da paixão - *páthos*/desmetido encantamento por si mesmo - proporcionando a inibição de seu complemento, a compaixão - sentir com, trabalhar por; abrindo espaço para o livre circular do sadismo de um (sujeito branco) sobre o outro (negro/povos originários/natureza - os considerados objetos dejetos, não sujeitos) na organização social brancocêntrica: a biosfera sobre o efeito letal da pulsão de auto destrutividade e de agressão da Branquitude.

Seguindo esse itinerário recordamos e assinalamos, para explorações posteriores, a observação de Freud relacionando a “paixão extrema e o suicídio” (Freud, 1917, p. 111): o Eu sobrepujado por idealizações supremacistas do Super-eu.

Pegadas freudianas em pauta

Nas últimas gerações, os seres humanos fizeram progressos extraordinários nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, fortalecendo o seu domínio sobre a natureza de uma maneira inimaginável. [...] Os humanos orgulham-se dessas conquistas e têm direito a isso (Freud, 1930, p. 335).

Freud, enquanto pensador atemporal, foi capaz de romper radicalmente com alguns dos ideais de sua época, em nome de sustentar sua teoria acerca da constituição do sujeito e sua articulação com a ordem cultural.

Cenário ilustrativo de tal afirmativa é a escrita, publicação e defesa em diversas conferências para a comunidade médica acerca da sexualidade infantil, pressuposto básico da teoria psicanalítica até a contemporaneidade: “se as pessoas fossem capazes de aprender com a observação direta das crianças, estes três ensaios poderiam muito bem não ter sido escritos” (Freud, 1920, p. 18).

Contudo, para além de suas descobertas únicas sobre o inconsciente e seus derivados, é necessário reconhecer que Freud, como teórico de seu continente, não teve qualquer intenção de romper com os postulados ideológicos mais basais de seu entorno.

Quando pensamos em termos da cosmovisão de mundo da Branquitude, é preciso demarcar que esta é uma construção ideológica específica e parcial. Com isso, queremos dizer que, para além do elemento já destacado por Freud em sua *Weltanschauung* religiosa - a saber, que ela pressupõe uma proibição ao questionamento e uma logicidade fechada em si mesma - a visão de mundo científica à qual ele se refere também detém suas complicações; pois, por mais que ela seja menos narcísica no sentido de se propor como verdade inquestionável, a cosmovisão científica europeia não abdica de seus postulados para realizar suas leituras acerca dos novos fenômenos com os quais se depara.

Isso é equivalente a dizer que, quando Freud escreve que “a principal tarefa da cultura, sua autêntica razão de ser, é nos defender contra a natureza” (1927, p. 246), ou ainda, “Nas últimas gerações, os seres humanos fizeram progressos extraordinários nas ciências naturais e em sua aplicação técnica, fortalecendo o seu domínio sobre a natureza de uma maneira inimaginável” (Freud, 1930, p. 335), ele está completamente imerso em um entendimento de que a civilização humana, assim dita de maneira genérica, apenas pode existir opondo-se à força da natureza, em um esforço constante de tentar dominá-la.

Há verdade nessas afirmações freudiana; de fato a cultura ocidental, construída sobre o modelo capitalista de relações sociopolíticas, apenas pode enxergar o encontro do humano com a terra consoante manifestação de oposições, resultado este que também se aplica a qualquer outro encontro dentro desta estrutura; contudo, ao problematizarmos o modo capitalista de compreensão deste evento, torna-se viável realizar uma abertura na busca de outros sentidos possíveis.

Tal movimento ganha nexos quando observamos na obra freudiana, diversas passagens apontando a identificação de Freud com os preceitos do capitalismo da época. Dois exemplos podem ser encontrados em seu texto mais traduzido: *O mal-estar na cultura* (1930). Nele, primeiramente, Freud faz referência ao mito hobbesiano em que o “*homo homini lupus* [o homem é o lobo do homem]; quem depois de tudo o que aprendeu com a vida e a história, tem coragem de discutir essa frase?” (1930, p. 77).

Discute a hipótese de que o ser humano é uma “besta selvagem que não poupa os de sua própria espécie” (p. 77).

Ora, por um lado temos a explanação teórica de que a agressividade, enquanto elemento de realidade psíquica, encontra-se dentro e não externo ao sujeito, modificação tributária do conceito fundamental intitulado pulsão de destruição:

No entanto, se pensarmos no quanto fomos malsucedidos justamente na prevenção contra essa parcela de sofrimento, surge a suspeita de que por trás disso também poderia estar uma parte da natureza invencível, só que, dessa vez, uma parte de nossa própria constituição psíquica. (Freud, 1930, p. 333).

Por outro, notamos um Freud alienado ao mito fundamental do capitalismo sobre a constituição do leviatã, essa estrutura mitológica com apenas uma cabeça e muitos braços que sustenta a ideologia meritocrática e competitiva do capital, defendendo a burguesia conforme uma classe que, se ocupa os lugares de maior privilégio, é exclusivamente por esforço e investimento pessoal.

Deste modo, para elencar o mesmo trono burguês, a classe operária - que de saída não detém os recursos para tal escalada - precisaria brigar entre si para ascender socialmente e conquistar tais lugares, silenciando os questionamentos sobre a jornada da classe dominante a este posto. Essa ideologia marca de forma contundente a relação do humano com outro humano, pela lógica da subalternização, caracterizando tal movimento como uma denúncia da tirania do capital; fazendo jus à tríade classificatória de classe, raça e gênero.

Uma segunda fala freudiana declara ainda mais sua desidentificação com os questionamentos políticos da época. No ponto V de seu escrito, comenta que:

Os comunistas acreditam haver encontrado o caminho para a redenção do mal. O ser humano é inequivocadamente bom, bem-disposto para com o próximo, mas a instituição da propriedade privada lhe corrompeu a natureza. A posse de bens privados dá poder a um indivíduo, e com isso a tentação de maltratar o próximo; o despossuído deve-se rebelar contra o opressor, seu inimigo (Freud, 1930, p. 79).

Aqui temos uma passagem em que Freud, para além de reiterar sua crença na naturalidade com que as relações humanas se configuram através de oposições, realiza uma crítica vaga e imprecisa sobre o que nomeia experimentos socialistas.

O que Freud toma por propriedade privada é o que se entende por bens materiais, moradia, por exemplo; quando bem sabemos que, para Marx, a propriedade privada que é questionada no capitalismo é dos meios de produção, classicamente tomados pelo campo e pela indústria; é sobre esse monopólio pela classe burguesa que a teoria marxista constrói sua crítica.

Deste modo, acompanhamos que o inventor da psicanálise subverte, ao mesmo tempo em que prolonga valores culturais de seu tempo, e, mais ainda, de sua terra; essa diferença sendo construída sob a perspectiva do acesso à sua obra.

Em 2010, Eduardo Viveiros de Castro, antropólogo vinculado à UFRJ, profere uma conferência na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP) intitulada “O antinarciso: lugar e função da antropologia no mundo contemporâneo”. Aqui, ele faz uma crítica ao narcisismo ocidental que, sem atentar-se à própria violência, no movimento de perceber e transformar o mundo - *Weltanschauung* científica - toma tudo aquilo que é alheio a si, o diferente, como “não nós” (Castro, 2010, p. 15).

Esse método é, para Castro, excludente por excelência, pois não pretende incluir o novo no conceito de nós a partir do momento em que o capta, mas sim, descrever o quão próximo ou distante esse novo está do conhecido, o nós, seria, nesta leitura, a régua da universalidade.

De saída, ele já apresenta duas torções do que vimos antes: primeiramente, questiona o conceito de animismo com o qual a psicanálise trabalha; é também Freud em seu renomado Totem e tabu (1913), mais especificamente no terceiro ensaio, que irá formular o pensamento animista como primeira etapa de um processo de desenvolvimento do humano rumo ao pensamento científico. Este seria a verdadeira forma de pensamento que ainda permeia nossa atualidade, aquela que aplica o método científico como forma de acessar o mundo material:

O animismo é um sistema de pensamento, ele não só explica um fenômeno particular, mas permite compreender o mundo como unidade, a partir de um ponto. No curso dos tempos a humanidade produziu três grandes visões de mundo, se dermos crédito às autoridades: a animista (mitológica), a religiosa e a científica. Entre elas, a primeira criada, o animismo, é talvez a mais consequente e exaustiva, a que explica de maneira cabal a natureza do mundo (Freud, 1913, p. 124).

Apontamos, a título de sinalizar a complexidade dessa temática, que encontramos no pensar freudiano, uma expansão do conceito de animismo, na medida em que Freud vai estabelecendo sua relação com o processo de pensar. No interior de uma concepção metapsicológica que visa trabalhar a gênese do pensar, temos que esta, se constitui de três grandes segmentos, orientados pelo conhecer e reconhecer a castração (a incompletude): o

pensamento animista, o pensamento religioso e o pensamento científico. O primeiro está na base dos demais pensamentos, vinculado ao mundo da magia, que caracteriza a visão de mundo interno e externo pela lógica do narcisismo primário - Eu ideal - que julga o saber da castração através do juízo de atribuição.

Destacamos que este pensar, também está associado a criação dos mitos, portanto, trazem consigo potencialidades criativas, para dar algum contorno aos mistérios da origem e destino da humanidade; o religioso, diante do saber da castração, reconhece parcialmente seus limites e elege um ideal fora de si, onde projeta suas idealizações narcísicas, regida por preceitos morais: eu não tenho, mas Deus pai tem; e o pensamento científico, como exposto na introdução deste texto, é balizado por um reconhecer mais pleno da realidade da castração, que implica em um trabalho de luto do ser majestoso que acreditávamos ser, em nome de um devir: Ideal de Eu, com suas potencialidades de construir princípios pautados por uma ética.

Entretanto, compreendemos que o lado restritivo da proposição freudiana, por exemplo, é conceber como modelo exclusivo de pensamento científico, o modelo forjado pelo eurocentrismo. Sendo assim, seu olhar para outros mundos e outras cosmovisões estará impregnado desta concepção. Neste caminho, lerá as culturas de outros povos como primitivas e fixadas exclusivamente na forma de pensamento animista.

Seguindo uma perspectiva decolonial, entendemos que as proposições afrocentristas e ameríndias trazem para a cena um novo/velho modelo de pensamento científico, onde o *animismo*, como forma do humano se relacionar consigo e com a natureza, não o *pensamento animista*, ganha uma outra configuração, que estará implicada na construção de outras epistemes.

Já Castro coloca que o animismo, tomado enquanto essa visão limitada e simplista do mundo, é um equívoco da Branquitude. Para ele, atribuir a todos os seres uma animação, uma alma, é uma complexificação completa das relações entre ser humano e mundo, justamente por tratar como humano tudo que existe: “ao contrário, se tudo é humano, tudo se torna extremamente perigoso. Se todas as coisas são dotadas de intenção, de vontade, de raciocínio e de capacidade de comunicação, administrar o mundo, viver, torna-se uma tarefa muito perigosa - muito mais do que para nós, que só temos que temer nós mesmos” (Castro, 2010, p. 20).

Em outras palavras, considerar tudo humano é ter de reconhecer todo o universo material enquanto um igual, enquanto pertencente ao nós e não como um outro diferente, oposto ou, ainda, inimigo. Para ilustrar, seu exemplo da cerveja e da onça é cabal: para a onça, o sangue da presa é sua cerveja, tal qual para o ser humano - sujeito no vocabulário psicanalítico - a cerveja é o líquido produzido do malte e do lúpulo.

O que se mantém constante em ambas as atribuições é a palavra cerveja e a ideia de ser “uma bebida boa que eu tomo coletivamente e fico embriagado” (Castro, 2010, p. 22). Deste modo, ele conclui, a partir do contato com a cultura dos povos ameríndios, que o universal para o indígena é a linguagem ou ainda a própria cultura, e o que passa a ser mutável é a natureza, que se transforma conforme a perspectiva do ser animado que a ela se refere.

Essa premissa se conecta diretamente ao segundo ponto de torção proposto por ele, o da tendência a perceber o mundo a partir de um prisma do binarismo ocidental. Essa dualidade aparece frequentemente na obra freudiana: pulsões do eu *versus* pulsões sexuais, pulsão de morte *versus* pulsão de vida, neurose *versus* perversão ou, ainda, a supracitada cultura *versus* natureza; e é esta última que precisamos revisitar. Castro, ao nos apresentar sua construção acerca do animismo, revela que a natureza é também, portanto, humana e, como tal, não pode servir como instrumento de uso utilitarista e irrestrito do *homo sapiens*.

Atribuir humanidade à natureza é o mesmo que dizer que é possível assassiná-la, atitude passível de acusação de homicídio, ela não ataca a cultura, ela se soma à cultura e seu extermínio é pôr em risco a própria civilização - prenúncio do que será denominado ecocídio?

Nogueira e Barreto (2018), em consonância com essa proposição, apostam no conceito de pluriversalidade, ou seja, “a coexistência de visões de mundo distintas e igualmente válidas” (2018, p. 630). Retomamos essa conceituação para abordar que, para além de uma cosmovisão que abarca a natureza enquanto par complementar da cultura e não sua antagonista, esse mesmo reconhecimento que amplia as possibilidades de percepção do mundo não comete o mesmo ato violento da Branquitude que se elenca hegemônica e, desta maneira, única, refutando como a-civilizadas ou equivocadas quaisquer outras proposituras, mas sim o contrário, entendendo que, mesmo neste formato sádico, essa cosmovisão branca e limitada é também uma forma possível de se absorver o entorno.

O pluriversalismo, por mais que surja a partir de uma episteme negra (Mogobe Ramose, 2011) não visa operar sobre o branco uma vingança simbólica como reparação histórica, não se associa a esse povo pela lógica da identificação com o agressor, optando por inverter essa lógica e ofertar ao colonizador uma comunicação não cruel, não tirânica, que (1º) apresenta um modelo de valorização da vida para além dos interesses materiais do capital, este que abusa da terra/natureza e dos corpos racializados e, ainda, (2º) reinsere a este povo o viés da compaixão, afeto expurgado de sua ideologia discursiva.

Gostaríamos de aprofundar tais dimensões.

Clima, racismo, tragédia e necropolítica - a tirania branca em cena

No dia 03 de maio de 2024, Porto Alegre, a capital do estado do Rio Grande do Sul e toda a região metropolitana vivenciou a chegada do caos. Caos este que se alastrou para todo o estado ao longo do mês; foram, ao todo, mais de 300 mil pessoas desabrigadas e 140 mortes confirmadas, pessoas que não conseguiram escapar da força das águas a tempo.

O Guaíba, um grande lago que recebe afluentes de várias regiões do estado e perpassa Porto Alegre, bateu o recorde de 5,3 metros de altura, superando o valor de 4,75 metros da última grande enchente que assolou a cidade em 1941. A razão imediata para tamanha catástrofe climática pode ser explicada através de uma confluência de fatores: (1º) massa de ar frio proveniente da Argentina que permaneceu bloqueada de seguir seu curso pelo encontro com uma (2º) massa de ar quente que se alojou no centro do país, aumentando a quantidade de chuvas especificamente na (3º) região da Serra e dos Campos de Cima da Serra, local conhecido por ser leito de nascentes de alguns dos maiores rios do estado - estava formada a tríade da calamidade.

Contudo, apesar de uma justificativa meteorológica resumir de maneira clara os ocorridos no estado mais ao sul do Brasil, essa confluência de fatores climáticos não é somente consequência da “prepotência da natureza” (Freud, 1930, p. 43), mas também, e sobretudo, uma resposta dela às intervenções violentas, decorrentes da tirania do humano sobre o seu território³. O ano é 2019, uma temporalidade exemplar, para caracterizar o negacionismo climático, com seus efeitos deletérios, em pleno século XXI. Este quadro, negacionista, vai organizar-se em detrimento do que estava sendo desenhado pelos ambientalistas desde meados do século XX, principalmente a partir da década de setenta, que vai culminar o acontecer da Eco-92 no Rio de Janeiro: está posto que a ação humana influencia nas alterações climáticas⁴.

³ Destacamos que a relação da capital gaúcha com o lago Guaíba pode ser vista como antropofágica - incorpora suas qualidades e expurga sobre ele o que tem de mais abjeto. Em suas histórias vamos encontrar a ação da tirania branca, por exemplo, na poluição e invasão de suas margens. O processo de aterro que teve início no século XIX e se estendeu pelo século XX vai avançar de maneira assustadora sobre as margens originais do nosso lago. Decorrente dessa invasão e conquista de território vamos encontrar construído, sob o seu leito soterrado: parte do nosso Patrimônio Histórico, Estádio Beira Rio, bairro Praias de Belas, o Anfiteatro Pôr de Sol, O Centro Administrativo de Porto Alegre, Correios, Casa de Cultura Mario Quintana, a Rodoviária, o Mercado Público etc. Compreendemos, que projetos como este, de orientação colonial - “colocar a terra a seu serviço” (Freud, 1930, p. 338) -- que balizou e baliza a arquitetura das cidades, bem como, nossa relação com os mais variados ecossistemas, como por exemplo, nas queimadas do Pantanal mato-grossense (relação sinistra de causa e efeito com o agronegócio), estão diretamente atravessados pelo negacionismo climático.

⁴ Contudo, somente, em 1995, no segundo relatório do IPCC (*Intergovernmental Panel on Climate Change*) é explícito literalmente a responsabilidade do homem pelas mudanças climáticas.

Não levando em consideração este ambiente assustador é posto em votação, uma reforma do código ambiental gaúcho elaborado em 2000 que, com o apoio de 37 votos de deputados presentes, teve 480 de suas cláusulas alteradas. O atual governo, o mesmo que enfrenta a crise climática em 2024, agradece a bancada pelo apoio a uma completa depredação e um texto que, de protetor da biosfera local, passa a completa negligência para com a preservação ambiental.

Para citar exemplos, deixa de reconhecer como áreas de preservação alguns locais já declarados pela UNESCO como tal, ou ainda, legitima os incêndios florestais ao riscar o artigo 28 que as proibia por lei, sabendo que as áreas de mata nativa funcionam como grandes filtros para as chuvas, absorvendo através de suas raízes parte da água que, de outro modo, escoaria diretamente para os rios, sobrecarregando-os.

Somado a este movimento, legitima, indiretamente, o auto licenciamento às empresas, com a criação da Licença por Adesão de Compromisso - a LAC - que prevê, ao empreendedor, uma declaração emitida online que já o autoriza a iniciar as operações no solo desejado.

Uma reportagem do site Brasil de Fato (2024) aponta a ironia deste movimento: o RS, estado que já ocupou a vanguarda na luta pela preservação ambiental desde 1950, sendo o primeiro estado nacional a criar um mestrado em ecologia pela universidade pública, a UFRGS, atualmente, parece caminhar na contramão disso, facilitando a terceirização das terras estatais e incentivando uma política de livre exploração.

Nesse sentido, os ocorridos climáticos da região parecem ser uma resposta agressiva da natureza ao modelo relacional com que sua população a vem tratando: se encontramos na política local, bem como na do mundo, um abuso constante e destruidor de sua terra, nada mais coerente que a terra responda na mesma linguagem - não há possibilidade de um bem-estar comum se seguirmos apostando em um modelo de uso do outro, não de cooperação com este.

Mais do que isso, enquanto tomarmos o outro como objeto, não como sujeito, parece que o encontro não pode ter outro destino que não a crueldade mútua. Mbembe (2018) aborda justamente essa dimensão em seu livro “Necropolítica”; torcendo o conceito de biopoder foucaultiano, a necropolítica seria o controle exercido não sobre a vida, mas sim sobre a morte.

Para isso, ele descreve como o poder colonial contemporâneo é muito mais forte e abrangente do que aquele que acompanhamos na história do processo colonizador da Europa e suas navegações.

Mbembe propõe que o regime escravista, apesar de toda sua dinâmica violenta no real, não se equipara aos estratagemas e artimanhas simbólicas desenvolvidas pela ranquitude para transformar o povo negro e o planeta em meros corpos e, deste modo, propriedade do estado.

O necropoder reatualiza a política do escravismo em níveis inimagináveis, “com o objetivo de provocar a destruição máxima de pessoas e criar “mundos de morte”, formas únicas e novas de existência social, nas quais vastas populações são submetidas a condições de vida que lhes conferem o estatuto de “mortos-vivos” (Mbembe, 2018, p. 71).

Tal conceituação, que está entrelaçado com a política da morte, pode ser claramente observada nos afetados pelas enchentes a que nos referimos aqui; a população negra, sucumbindo ao racismo ambiental, comumente habitante das margens e periferias dos grandes centros, foram as primeiras a terem suas vidas em risco e bens materiais perdidos pela destruição fluvial, além de representarem um número significativo nos abrigos emergenciais montados em todo o estado do RS, para acolher as vítimas da catástrofe.

Tudo isso como consequência de uma confluência de fatores climáticos, mas que tem seu gérmen em um gerenciamento estatal que não leva suas vidas - materiais e simbólicas - em consideração quando na administração de políticas públicas e recursos. Neste contexto, as vidas negras e o meio ambiente são as maiores vítimas e denunciadoras do único destino possível dentro do paradigma branco: ser a personificação, por excelência, do “mal-estar” na cultura ocidental.

Portanto, na luta sádica da cultura brancocêntrica contra a natureza, decorrente da insuportabilidade diante do seu desamparo, essa encontra amparo na cilada narcísica propiciada pelos ganhos do capital. Prosseguindo, nesta direção, no sentido das revivências das defesas narcísicas, nos sentidos convocados a refletir, mesmo que de forma pontual, sobre os enigmas do masoquismo primário. Este é concebido por Paim Filho e Terra Machado (2021) como um quinto destino pulsional e, ao mesmo tempo, matriz fundante da psique.

Sendo assim, o destino da auto destrutividade está traçado, força imperiosa que é anterior à destrutividade do mundo externo (sadismo). Se assim o for, o destino da humanidade se fará no interjogo do que o sujeito faz com outro, mas também, o que faz consigo.

A marca da força tirânica da auto destrutividade, não mitigada da branquitude, através do reconhecimento dessa força demoníaca⁵ em si mesmo, se fará presente na destruição do planeta terra, uma vez que, não se reconhece como fazendo parte dos ecossistemas que compõem o nosso planeta. Este não se ver denuncia: o não poder, ou ainda, o não querer saber da segunda ferida narcísica, segundo Freud, imposta a humanidade, por Charles Darwin, desde 1895, “O homem não um ser diferente dos animais, ou superior a eles, ele próprio tem ascendência animal [...]. as conquistas que realizou posteriormente não conseguiram apagar as evidências” (Freud, 1917, p. 175).

Em tal enredo, no qual se encontra enredado, com suas intermináveis histórias de letalidades sobre as humanidades, elaboradas por suas ideologias brancocêntrica, neste *a posteriori*, retrata o reencontro com seu “mal-estar” foracluído, que vem encenando que vidas brancas, também, não importam: do genocídio (extermínio do outro) ao suicídio (derivado do latim - *sui* - de si mesmo; cídio - extermínio).

Neste contexto, essa catástrofe climática - retorno sobre a cultura dos ataques proferidos com a natureza - produto da tirania do povo branco, identificado ao poder despótico do pai da horda freudiano, cria uma cena distópica, que tem certo grau de ineditismo, em nossos pampas, para descendentes dos europeus: *o que chamamos de civilização foi protagonista de um momento único: aquele em que a espécie que sempre temeu a catástrofe se tornou a catástrofe que temia*. O vivido ativamente é revivido passivamente.

Tudo isso, em decorrência de seu aprisionamento a uma ideia/líder assentada em uma ideologia/*Weltanschauung* religiosa com crenças supremacistas.

⁵ Esse adjetivo é utilizado por Freud em relação a natureza da destrutividade humana (1920), isto nos leva associar com a ideia de um pacto demoníaco da branquitude. Tal pacto relaciona-se em vender a alma ao diabo. Este acordo implica a realização de todos os desejos, porém, no final dos tempos - o fim do mundo - a conta deve ser paga: com a entrega da própria alma ao demônio. Diante dessa inferência lembramos da fábula: “Certo dia o Escorpião pediu ao Jacaré que o ajudasse a atravessar o rio. Este respondeu que não, pois temia ser picado. O Escorpião refutou essa resposta dizendo que não faria isso, pois morreria junto. O Jacaré aceitou o pedido. Quando estavam no meio da travessia, o Escorpião o picou. O Jacaré, diante desse inusitado, perguntou: como? você me prometeu. O Escorpião respondeu: sinto muito é da minha natureza”. A natureza demoníaca da branquitude, tal qual o escorpião, caminhando a passos largos em direção a uma hetero/autodestruição apocalíptica. Compreendemos que Freud, inquieto com essas questões, ao finalizar o texto de 1930, interroga-se sobre o destino da humanidade, e do quanto sua organização cultural será vitoriosa em domesticar sua pulsão de agressão e de autodestruição. Num tom de presságio, para nosso tempo, anuncia: “Os seres humanos chegaram agora tão longe na dominação das forças da natureza que, com sua ajuda, seria fácil exterminarem-se uns aos outros até o último homem” (Freud, 1930, p. 405). Contudo, reafirmamos, que esse autoextermínio tem como agente ativo os princípios que regem a tirania branca.

Nesse sentido, resgatamos outra vez o conceito *devir-negro do mundo* de Achille Mbembe: “Pela primeira vez na história o substantivo negro deixa de remeter unicamente aos povos de origem africana durante a época do primeiro capitalismo (predação de toda espécie [...]).

A essa nova condição fungível e solúvel, à sua institucionalização como padrão de vida e à sua generalização pelo mundo inteiro, chamamos o devir-negro do mundo” (Mbembe, 2018 a, p. 20).

Nosso pensador de Camarões anuncia de forma profética que o destino da humanidade é viver na própria pele o que povo negro vive desde o sequestro da África, desde nossa diáspora forçada: ser destituído de sua história, ser arrancado da sua terra e da sua casa, ser destituído de subjetividade, ser tratado como mercadoria, sua vida não importa: *predação de toda espécie*.

Compreendemos, quando olhamos e escutamos com compaixão, as múltiplas histórias de como essa catástrofe ambiental abateu-se sobre a serra gaúcha, vemos nela uma apresentação, por excelência, de um *quantum* do devir-negro do mundo sobre o povo branco: expulso de suas terras, de suas casas, apartado de parte da sua história, ser tratado como mercadoria, suas vidas não importam... Estão sofrendo, de maneira *fungível e solúvel*, em sua alma e corpos brancos, as consequências dos princípios organizadores ou desorganizadores, de um Mundo, um Continente, um País, um Estado, uma Cidade que se constrói e segue sendo construída sob o prisma do capitalismo, colonialismo com suas múltiplas formas de apresentação do racismo estrutural: orquestrado pelas *minorias dominantes*.

Estas que desdobram sua forma escravista de consumo, espoliação e expropriação sobre outros humanos e a terra, visando subalternizá-los e objetificá-los, no interjogo tanático do genocídio e do ecocídio.

Temos, neste palco de horrores, a presença gritante da aliança entre *uma parte da natureza invencível, só que, dessa vez, uma parte de nossa própria constituição psíquica*, a pulsão de destruição, e uma ordem social regida não pela contenção e transformação deste pulsional desgarrado, intercâmbio criativo entre o masoquismo e narcisismo; mais por um investimento libidinal imantado pelo compromisso de encontrar uma saída de seu masoquismo - auto destrutividade - através do assujeitamento do outro: o “bem-estar” do povo branco às custas do “mal-estar” da coletividade humana ampliada (Paim Filho e Maschke Paim, 2023).

Genocídio e Ecocídio: o existir violentamente da Branquitude

Nesse sentido, também o conceito de genocídio precisa ser ampliado para todas as gentes, para além de humanas. Ecocídio é o conceito que dá conta dos desafios da justiça climática, mas me parece necessário ter a ousadia de pensá-los a partir de uma nova linguagem (Brum, 2021, 106).

Na *cegueira amorosa* - *páthos* - nos tornamos *criminosos sem remorso* - colapso da compaixão. Essa proposição delinea nossas ideias e faz ressoar em nós alguns elementos traçados por Eliane Brum, em seu livro “Banzeiro Òkóto” (2021). Nesta revisita, resgatamos o conceito de ecocídio e o existir violentamente da branquitude. Seguindo este pensamento, nos reencontramos, na catástrofe climática de hoje, com os norteadores da lógica colonial, escravocrata e capitalista que está nas bases fundantes do mundo ocidental.

Ao seguir por essas trilhas, inevitavelmente nos deparamos com a mesma ideologia de poder irrestrito que orienta a relação de hierarquização e racialização do outro, não considerado como semelhante, que se faz presente diante do encontro com as forças paradoxais da natureza.

Sendo assim, as forças destrutivas de uma pulsão de morte não domesticada, mas operacionalizada pela branquitude, em prol de sua sede insaciável de poder - poder que emana de mim, para mim - vai atuar, de forma contundente, pois essa é a única maneira pela qual lhe é possível ter uma vida, na morte daquele que é considerado um dessemelhante.

Este contexto provê contornos precisos para a tirania de seu existir violentamente: “Não somos limpinhos. Porque não há como ser limpinho em países onde negros vivem pior e morrem primeiro. É isto que eu chamo de existir violentamente” (Brum, 2021, p. 19).

Esse modo de existência, nada limpinho, muita sujeira para pouca água, nos convoca a adentrar no campo exponencial do genocídio e do ecocídio, ou ainda, nas múltiplas maneiras que se presentifica o sufixo “cídio” - ação que provoca a morte ou o extermínio - no viver violento e, reafirmamos, tirânico do povo branco. Ao trazermos para o primeiro plano a relação intrínseca e histórica entre o genocídio e o ecocídio - assassinato da casa-planeta - o fizemos mobilizados pela compreensão que estes conceitos se retroalimentam.

O extermínio dos povos originários, em um primeiro tempo, acompanhado do extermínio do povo negro, pela via material e simbólica (epistemicídio), desenham o *script* depredatório e voraz da branquitude, com vias a manter seus privilégios de quem acredita ser o centro da criação - aquele que não terá que se curvar diante das forças da natureza (Freud, 1914) - a renegação da castração fazendo e refazendo a história.

Este mesmo sistema - existir violentamente - vai se reproduzir, de forma literal, quando da ação, ecocídio, desta parcela de humanos, sobre a *única casa que temos*. Assim sendo, desde uma perspectiva do pluriversalismo, em consonância com Brum, ratificamos que: “todo o genocídio é um ecocídio, e todo o ecocídio é um genocídio” (2021, p. 99). Portanto, se faz necessário problematizar, o possível orgulho que temos das conquistas pelas quais logramos fortalecer o domínio, de maneira inimaginável, sobre a natureza.

Diante desses novos paradigmas, que desalojam o pensar hegemônico das minorias dominantes, emergem interrogantes: quais os caminhos para trilhar novos tempos? Romper com o primado do genocídio e do ecocídio, nutrido pela tirania do racismo requer ampliar as defesas, ou uma mudança radical em nosso modo de viver? Tempo de conhecer e/ou reconhecer outras epistemes?

Parece-nos que é tempo de construir outros caminhos e de conduzir as humanidades por campos nunca trilhados. Ampliar as defesas - uma “obsessão da repetição” (Freud, 1914 a, p. 155) - que encontra na renegação da alteridade seu principal operador, nos levaria ao mundo da eterna repetição dele: destruição da terra, construções balizadas por desmedidas demandas narcísicas do povo branco e que renovam a destruição do planeta. O desconhecido nos convoca a trabalhar em prol de uma relação que tenha como elemento propulsor de mudanças a compaixão, no sentido de uma genuína relação fraterna entre os seres vivos - todos somos humanos - nos mais diferentes ecossistemas.

Andando em tal direção, recordamos o pensar de Carola Rackete, que trabalha a questão climática pelo prisma dos direitos humanos, em seu livro “É hora de agir” (2020), que sinaliza a importância da desobediência, em busca de um agir contra a tirania dos modos hegemônicos de ser, estar e viver no planeta, *mudança radical no sistema*: travessia do poder autoritário e ilegítimo para um poder democrático e legítimo. Em sintonia com essa melodia pulsional que congrega ruptura e novas ligações - processo criativo entre Thanatos e Eros - a autora e ativista climática afirma:

É um desafio para o qual precisamos da cooperação de todos as pessoas que pensam de maneira democrática. Só há dois caminhos a seguir: ou destruímos o equilíbrio dos ecossistemas da Terra - que simplesmente não é uma solução! - ou acontecerá uma transformação global, uma mudança radical no sistema, fazendo com que a sociedade, ao fim seja diferente do que é agora (2020).

Cooperação e compaixão. Talvez estas sejam as palavras-chaves para propostas que quebrem com a depredação da terra e do semelhante.

A discursividade mais presente na ideologia dominante branca é a da individualização, ou melhor, da atomização das relações humanas, significando dizer que o foco da fala neoliberal - manifestação última do capitalismo que cerca nossa contemporaneidade - não prevê que nos organizemos de forma coletiva para ocupar espaços políticos.

Pelo contrário, toda a manobra orquestrada pela Branquitude é de que sigamos sustentando as relações grupais a um mínimo possível, suficiente apenas para garantir a manutenção do regime atual através da única organização social e formalmente aceita, ou seja, a da estrutura por parentesco, a do núcleo familiar. Exclui de uma valorização social, como fonte de produção de conhecimento, por exemplo, as formações quilombolas e as aldeias dos povos originários. Por esse ângulo, o pensar de Abdias Nascimento se faz revolucionário, ainda, nos anos oitenta do século XX, com seu conceito de Quilombismo:

O quilombismo essencialmente é um defensor da existência humana e, como tal, ele se coloca contra a poluição ecológica e favorece todas as formas de melhoramento ambiental que possa assegurar uma vida saudável para as crianças, as mulheres e os homens, os animais, as criaturas do mar, as plantas, as selvas, as pedras e todas as manifestações da natureza (Nascimento, 2019, p. 307).

Grandes movimentos grupais são o terror do sistema sociopolítico que nos governa, pois são concentrações como essas que questionam o suficiente para assumir protagonismo e uma posição de poder diante do estabelecido. Ao referirmos que nossa cultura colonizada opera por uma lógica da separação, estamos criticando a obviedade com que encaramos o outro no papel de inimigo, concorrente e/ou lobo, princípio este que nos impede de observar como a Burguesia da Branquitude assassina nossos corpos e nossa terra cotidianamente: protagonizando o seu comprometimento com a não *defesa da existência humana* e, ao mesmo tempo, de *todas as manifestações da natureza*.

Como pode ser mais fácil acreditar em utopias como a da colonização de Marte, projeto já em desenvolvimento, do que em um existir não-violento com o outro? Essa pergunta pode ser entendida como um complemento ao subtítulo do livro de Mark Fisher (2020): é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo. Aqui, Fisher expõe a tese sobre o realismo capitalista, a crença alienada de que não há outro regime alternativo à lógica do capital, que funciona como “uma *atmosfera* abrangente, que condiciona não apenas a produção da

cultura - agindo como uma espécie de barreira invisível, bloqueando o pensamento e a ação” (Fisher, 2020, p. (33); mais ainda, o que hoje parece ser a única forma de coexistir em sociedade já foi, um dia, entendido como impossível, como a onda de privatizações que apenas elencaram estatuto de comum após os anos 1980.

Nesse sentido, permanece aos leitores o convite de questionar o mundo para além dos referenciais já explorados, entendidos e legitimados em nossa cultura, *espécie de barreira invisível, bloqueando o pensamento e a ação*. Tempo de avançar, *desde movimento imóvel*, para um pensar e construir um mundo de interações humanas que somem e não dividam os afetos, a terra, os humanos e a vida como um todo.

Este é o caminho que Fanon, com suas ressonâncias no pensar de Bispo dos Santos (2023), vem pautando e nos convocando a trilhar desde os meados do século XX, com sua proposição de trabalhar com o povo negro, em um processo contra colonial, que viabilize a liberdade para os *condenados da terra* - desequilibrando a *lógica do equilíbrio* tirânico - e, ao mesmo tempo, libertando a terra da sua condenação devastadora, efetuada e perpetuada pelas miríades universalitas do colonizador:

Fujamos camaradas, desde movimento imóvel em que a dialética, pouco a pouco, transformou em lógica do equilíbrio. Retomemos a questão do homem. Retomemos a questão da realidade cerebral de toda a humanidade, cujas conexões é preciso multiplicar, cujos circuitos é preciso diversificar, cujas mensagens é preciso reumanizar (Fanon, 1961, p. 362).

Referências

- Brum, Eliane. *Banheiro Ôkoto: uma viagem à Amazônia centro do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- Castro, Eduardo Viveiros de. *O anti-narciso: lugar e função da antropologia no mundo contemporâneo* - Conferência na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo (SBPSP). In: Revista Brasileira de Psicanálise. Vol. 44, n. 4, 15-26. 2010.
- Centeno, Ayrton. *Em 2019, Leite cortou ou alterou quase 500 pontos do código ambiental do RS*.
- Brasil de Fato. 03 de maio. 2024. Disponível em: <https://www.brasildefatores.com.br/2024/05/03/em-2019-leite-cortou-ou-alterou-quase-500-pontos-do-codigo-ambiental-do-rs>
- Elon Musk anuncia colonização de Marte em 30 anos. *O Antagonista*. 17 de maio. 2024. Disponível em: <https://oantagonista.com.br/mundo/elon-musk-anuncia-colonizacao-de-marte-em-30anos/#:~:text=Elon%20Musk%2C%20o%20dono%20da,Vermelho%20dentro%20de%2030%20anos.>
- Fisher, Mark. *Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo*. Tradução Rodrigo Gonçalves, Jorge Adeodato, Maikel da Silveira; [coordenação Manuela Beloni, Cauê Ameni]. - 1. ed - São Paulo: Autonomia Literária, 2020.
- Fanon, Frantz. *Os condenados da terra*. Trad. Lígia F. Ferreira e Regina S. Campos. Rio de Janeiro: Zahar, 2022.
- Freud, Sigmund. *Carta à Fliess de 06/12/1896*. In: *A Correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess - 1874-1904*. Org. J. M. Mosson. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Imago 1986.
- Freud, Sigmund. *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. (1905). In: Freud, Sigmund. *Obras Completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2016. v. 6.
- Freud, Sigmund. *Totem e tabu* (1912-1913 a). In: Freud, Sigmund. *Obras Completas*. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2012. v. 11.
- Freud, Sigmund. *Lembrar, repetir e perlaborar* (1914 a). In: *Fundamentos da clínica psicanalítica/ Sigmund Freud*. Trad. Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.

- Freud, Sigmund. *À guisa de introdução ao narcisismo* (1914). In: Escritos sobre a psicologia do inconsciente. Trad. Luiz A. Hanns. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- Freud, Sigmund. *Além do princípio do prazer* (1920). In: Freud, Sigmund. Obras Completas. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2010. v. 14.
- Freud, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do eu* (1921). In: Freud, Sigmund. Obras Completas. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2011. v. 15.
- Freud, Sigmund. *Psicologia das massas e análise do Eu* (1921). In: Cultura, sociedade, religião: o mal-estar na cultura e outros escritos/ Sigmund Freud. Trad. Maria Rita Salzano Moraes. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- Freud, Sigmund. *O futuro de uma ilusão* (1927). In: Freud, Sigmund. Obras Completas. Trad. Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2014. v. 17.
- Freud, Sigmund. *O mal-estar na cultura* (1930). In: Freud Sigmund. Cultura, sociedade, religião: O mal-estar na cultura e outros escritos; tradução Maria Rita Salzano Moraes. – Belo Horizonte: Autêntica, 2020. – 1ª ed.1. reimp. – (Obras incompletas de Sigmund Freud / coordenação Gilson Iannini, Pedro Heliodoro Tavares).
- Freud, Sigmund. *Conferência XXI: A dissecação da personalidade psíquica* (1933). In: Obras Completas Psicológicas Completas de Sigmund Freud, v. XXII. Trad. Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969
- Freud, Sigmund. *Conferência XXXV: A questão de uma Weltanschauung* (1933). In: Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud Completas. Trad. Jaime Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1969.
- Freud, Sigmund. *A análise finita e infinita* (1937). In: Fundamentos da clínica psicanalítica/ Sigmund Freud. Trad. Claudia Dornbusch. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- Mbembe, Achille. *Crítica da razão negra*. Trad. Sebastião Nascimento. São Paulo: n-1 edições, 2018 a.
- Mbembe, Achille. *Necropolítica: biopoder, soberania, estado de exceção, política de morte*. São Paulo: n-1 edições, 2018.
- Nascimento, Abdias. *O Quilombismo: documentos de uma militância panafricanista*. Rio de Janeiro: Ipeafro. Editora Perspectiva, 2019

O colapso da compaixão: Tirania branca e a catástrofe ambiental e racial

- Nogueira, Renato. Barreto, Marcos. *Infantilização, ubuntu e teko porã: elementos gerais para educação e ética afroperspectivistas*. *Childhood & Philosophy*, Rio de Janeiro, v. 14, n.31, set-dez. 2018, pp. 625-644.
- Paim Filho, Ignácio A; Maschke Paim, Augusto. *O simulacro narcísico da branquitude e a ausência da barreira da compaixão*. In Revista CULT, ano 26, edição 296. São Paulo: agosto de 2023.
- Paim Filho, Ignácio A. e Terra Machado, A. Paula. *Masochismo: destino das pulsões - origem do sujeito*. In: *Pulsão de morte: a inegável existência do mal*. Centro de Estudos Psicanalíticos de Porto Alegre. Porto Alegre, 2021.
- Rackete, Carola. *É hora de agir: um apelo à última geração*. Porto Alegre: Arquipélago, 2020.
- RAMOSE, M. B. *Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana. Ensaios Filosóficos*, Volume IV - outubro/2011, p. 6-20.
- Soldera, Bruna. *Enchentes devastadoras: o que aconteceu no Rio Grande do Sul*. Instituto Água Sustentável. 13 de mai. 2024. Disponível em:
https://aguasustentavel.org.br/conteudo/blog/242-enchentes-devastadoras-?gad_source=1&gclid=CjwKCAjwvIWzBhAlEiwAHHWgvXbK5SQELGD0HvzW6hqNBPWlvOOFhJ8ZcVJGrn4OLm3AnApfUYUP_hoCv3cQAvD_BwE